

Sorel, G. (2016). *Réflexions sur la violence*. FV Éditions. Paris. 456 pp.

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

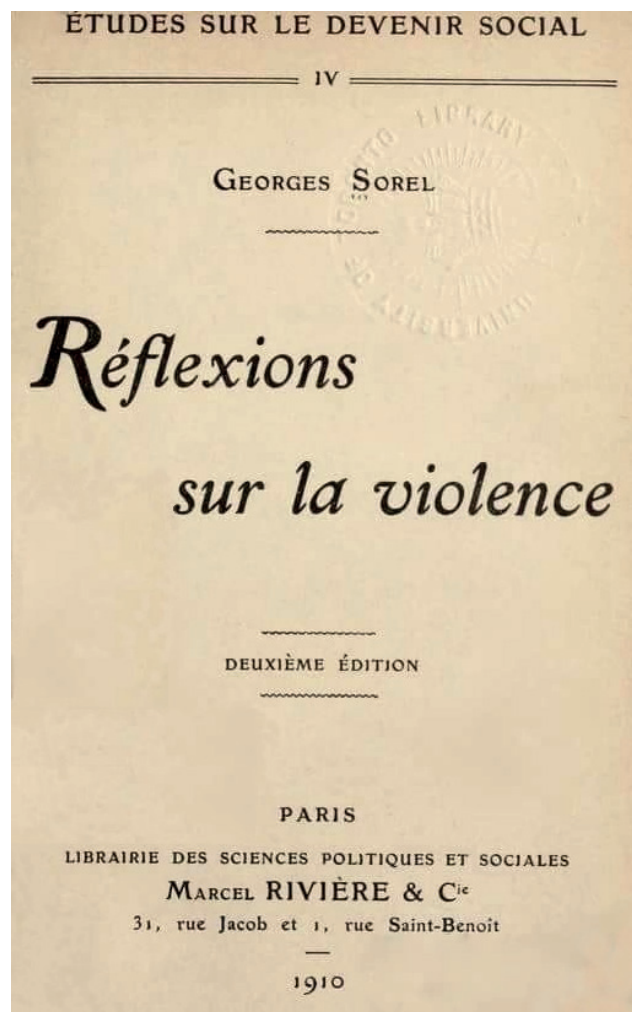


Figura 1 — Georges Sorel, *Réflexions sur la violence* (fotografia Wikimedia Commons).

Sorel, o bolchevismo e o fascismo

É talvez o livro do século XX que mais influenciou essa centúria. Apesar disso, *Reflexões sobre a violência*, do francês Georges Sorel, permanece uma obra apenas conhecida por um núcleo restrito na academia. Para a compreender, é preciso regressar aos primórdios do marxismo.

Quando apresentaram a sua teoria do «socialismo científico» (Engels, 1956: 32; Engels, 1959: 393; Engels, 2015:6 8), Karl Marx e Friedrich Engels sublinharam que a revolução do proletariado e a vitória final do socialismo decorreriam em obediência às leis da história e independentemente da vontade dos homens. «A história conduzirá a isso» (Marx, 2011: 88), proclamou Marx. O fim do capitalismo e a instauração do paraíso comunista seriam o resultado «necessário» (Marx e Engels, 2004: 95; Engels, 2009: 244 e 302; Engels, 2015: 47) das leis da história, uma «marcha imparável» (En-

gels, 2009: 244) já em curso, «uma revolução [...] destinada a ocorrer» (Engels, 2009: 266), e acontecimentos absolutamente «inevitáveis» (Marx e Engels, 2015: 20), que avançavam «inexoravelmente para a sua resolução» (Marx, 2011: 70), pois o proletariado não tinha escolha nem livre arbítrio; era «compelido» (Marx e Engels, 1956: 53) por aquelas mesmas leis a fazer a revolução. Muito importante, a história evoluíra já para a sua fase mais adiantada e *o momento da grande revolução tinha enfim chegado*. Marx e Engels multiplicaram-se então em profecias de que a revolução iria ocorrer dali a meses. Nenhuma se realizou.

Os sucessivos fracassos dessas profecias transformaram-se numa evidente ameaça à credibilidade do marxismo. Permitiam alimentar a suspeita de que o socialismo científico nada tinha, afinal, a ver com ciência, mas apenas com utopias, superstições e, sobretudo, era fator de uma confusão entre desejos e realidade. Foi isso, no fundo, o que disse Eduard Bernstein pouco depois da morte de Engels. Este primeiro revisionista propôs como alternativa um socialismo reformista que se aliasse ao liberalismo, ideia que se alastrou no movimento socialista.

Foi nesse contexto que apareceu Georges Sorel. O marxista francês estava determinado a resgatar a doutrina original marxista do desvio liberal e democrático proposto por Bernstein, recuperando o espírito violento que presidira às ideias de Marx e Engels. Para isso,

no entanto, teria de explicar por que razão a tantas vezes profetizada revolução do proletariado nunca ocorrera.

Sorel começou por admitir que tal revolução afinal poderia nunca acontecer. Porquê? É que, bem vistas as coisas, ela não era automática, pois «estamos em presença de um facto novo e totalmente imprevisível: uma burguesia que tenta atenuar a sua força» (Sorel, 2016: 100). Defendendo que se recuperasse o carácter revolucionário e violento da doutrina de Marx e Engels, o teorizador francês emergiu como o maior opositor ao «socialismo oficial» (Sorel, 2016: 91) do seu tempo, que acusou de pregar a revolução mas de fazer os possíveis para a impedir. Para Sorel, a ação revolucionária destes «socialistas parlamentares que se intitulam revolucionários» (Sorel, 2016: 89), mas que querem «dormir em hotéis sumptuosos» (Sorel, 2016: 91), limitava-se «a acrobacias oratórias» (Sorel, 2016: 137), pois, quando as coisas apertavam, apareciam na verdade como «protetores da burguesia contra a violência proletária» (Sorel, 2016: 118). O socialismo oficial, que ia de encontro ao reformismo de Bernstein, propunha na prática a reforma do capitalismo através de meios pacíficos e dentro do quadro democrático. Isso era inaceitável para Sorel. O socialista francês lembrou que Marx e Engels sempre se opuseram a uma coisa dessas.

Com efeito, os fundadores do marxismo haviam apelidado de «socialismo burguês»

(Marx, 1972: 125; Engels, 2013: 30) o socialismo que tentava fazer mudanças pela via da reforma. Marx argumentou que «a menor melhoria da sua posição (do proletariado) não passa de uma utopia dentro da república burguesa» (Marx, 1972: 58), por contraposição ao «socialismo revolucionário» (Marx, 1972: 126) marxista, o comunismo, a única forma de socialismo que segundo ele não era utópica. Também Engels se insurgira contra os socialistas que «aparecem com grandiosos sistemas de reforma que, sob a pretensão de reorganizar a sociedade, se destinam na realidade a preservar as fundações, e conseqüentemente a vida, da sociedade existente». Engels tornara claro que «os comunistas têm de lutar sem parar contra estes socialistas burgueses» (Engels, 2013: 30). As inequívocas posições dos fundadores do marxismo de crítica ao socialismo reformista permitiram a Sorel acusar os socialistas oficiais de, fingindo-se marxistas, na realidade romperem com o marxismo e praticarem o tal socialismo burguês que o próprio Marx considerara «uma utopia que se transforma num crime» (Marx, 1972: 58).

Georges Sorel fez um esforço para recuperar o marxismo original, revolucionário e violento, que deixara de ser praticado e cuja doutrina Bernstein descredibilizara. É bom lembrar que Marx havia escrito explicitamente nas páginas de *Vorwärts!* que «o socialismo não pode realizar-se sem revolução» (Payne, 1968: 113). Analisando um caso concreto que lhe era contemporâneo, Marx concluíra que a burguesia

em França se estava a render à retórica socialista, «apresentando como “socialista” tudo o que previamente havia descrito como liberal», pelo que, «para preservar o seu poder social intacto, estava a perder o seu poder político» e «para preservar a sua bolsa tinha de perder a sua coroa» (Marx, 2016: 57).

Ou seja, a burguesia tornara-se pouco pujante. Isso era preocupante, pois o *Manifesto comunista* atribuía à burguesia o «papel revolucionário» (Marx e Engels, 2015: 5) de desenvolver o capitalismo, fase imprescindível para que a revolução do proletariado fosse possível. Sem capitalismo nem burguesia pujante, não haveria comunismo, razão pela qual o fundador do marxismo recomendara aos comunistas que agissem «contra o apaziguamento pelos burgueses» (Payne, 1968: 239). O que era preciso, recomendara Marx, era que o proletariado forçasse a burguesia «a aparecer na sua forma pura como o estado cujo objetivo confessado é perpetuar o domínio do capital e a escravatura do trabalho», uma vez que «a governação burguesa, desembaraçada de todos os travões, transformar-se-á imediatamente em terrorismo burguês» (Marx, 1972: 58). Em suma, Marx queria que a burguesia aterrorizasse o proletariado para o forçar a revoltar-se.

Retomando estas observações do autor de *O capital*, Sorel constatou que, através dos acordos coletivos de trabalho e de outras cédências sociais, a burguesia estava de facto «a corrigir os abusos da economia» (Sorel,

2016: 96) capitalista e que se criara o perigo de «o proletariado se converter à paz social» (Sorel, 2016: 97), pois «os burgueses de toda a laia empregaram todos os seus meios de sedução para corromper o socialismo e afastar os operários da ideia revolucionária» (Sorel, 2016: 138). Uma tal situação, alertou Sorel numa conclusão perfeitamente em linha com os textos canónicos de Marx, constituía um grande risco para a revolução comunista.

A divergência com Bernstein aprofundou-se aqui irreversivelmente. Onde o alemão via a humanização do capitalismo como uma evolução histórica positiva, o francês encarava-a como profundamente negativa e reacionária. Bernstein apontava para o reformismo pacífico, Sorel mantinha-se fiel à ideia de revolução violenta defendida por Marx. Não poderiam estar mais opostos. «A anarquia da produção, que é a fonte de tanta miséria, é ao mesmo tempo a fonte de todo o progresso» (Marx, 1996: 62), escrevera Marx, defendendo que teria de haver confronto entre as classes, uma vez que «sem antagonismo não há progresso» (Marx, 1996: 56).

Seria, assim, a miséria gerada pelo capitalismo selvagem que atiraria o proletariado para o desespero e o impeliria a fazer a revolução. Ora, constatou Sorel, a paz social impedia a anarquia da produção e evitava o desespero do proletariado e toda a miséria subsequente, desse modo anesthesiando os operários e dissuadindo-os de assumir o seu papel histórico

e levar a cabo a revolução. Como convencer a burguesia a deixar de tentar «corromper» (Sorel, 2016: 138) o proletariado e retomar o capitalismo puro e duro que conduziria à revolução socialista? Através da violência.

Sorel achava que teria de se recorrer à violência para acicatar a burguesia e obrigá-la a reprimir o proletariado. «É aqui que o papel da violência nos parece singularmente grande na história» (Sorel, 2016: 98), proclamou ele em *Reflexões sobre a violência*, provavelmente a mais importante obra marxista depois dos textos de Marx, Engels e Bernstein, e sem dúvida o livro que mais influenciou os trágicos acontecimentos do século XX, por ter conferido legitimidade ideológica à matança genocida de milhões de pessoas nas décadas seguintes. «A violência proletária pode não só assegurar a revolução futura, ela parece ainda ser a única forma de que dispõem as nações europeias, embrutecidas pelo humanitarismo, para encontrar a sua antiga energia», escreveu, dando uma verdadeira receita para o genocídio. «É assim que a violência proletária se tornou um fator essencial para o marxismo» (Sorel, 2016: 100), pois, segundo ele, «é à violência que o socialismo deve os altos valores morais pelos quais trará a salvação ao mundo moderno» (Sorel, 2016: 325).

Não cabia aos socialistas a tarefa de humanizar o capitalismo, uma vez que Marx havia esclarecido que quem o tentasse fazer era «reacionário» (Marx, 1996: 62). Muito pelo

contrário, os socialistas tinham o dever de usar a violência para obrigar os burgueses a serem cruéis, uma vez que, recorde-se as palavras de Marx, «sem antagonismo não há progresso» (Marx, 1996: 56). A violência, segundo Sorel, «aparece assim como uma coisa muito bela e muito heróica; ela está ao serviço dos interesses primordiais da civilização» e nesse sentido «pode salvar o mundo da barbárie» (Sorel, 2016: 109).

Mas como convencer o proletariado a recorrer à violência? Galvanizando-o com um mito novo: a greve geral. «Pouco importa que a greve geral seja uma realidade parcial ou apenas um produto da imaginação popular» (Sorel, 2016: 151), admitiu. O importante é que ela galvanizaria o proletariado na luta pela revolução. Marx apresentara mitos que não se realizaram, é um facto, mas o que importava isso se tais mitos haviam inspirado os trabalhadores? Uma vez que esses mitos já se encontravam desacreditados, chegara a hora de se avançar com um novo mito. «Mesmo que os revolucionários se enganassem em absoluto e pintassem um quadro fantasista da greve geral, tal quadro poderia ser, na preparação para a revolução, um elemento de força de primeira ordem», esclareceu Sorel, pois «daria ao conjunto dos pensamentos revolucionários uma precisão e uma dureza que outras maneiras de pensar não poderiam dar» (Sorel, 2016: 150). Os mitos não precisavam de ser verdadeiros; bastava-lhes serem úteis para

os proletários e para a revolução socialista, mesmo que fossem falsos.

Para além de mitos que galvanizassem os trabalhadores, Sorel determinou que era necessária uma aristocracia revolucionária. Uma vez que o proletariado havia sido sedado pelo capitalismo ao ponto de «ter perdido toda a energia revolucionária» (Sorel, 2016: 92), seria preciso que os verdadeiros socialistas, uma elite esclarecida, liderasse e «trabalhasse com ardor para embrutecer os operários» (Sorel, 2016: 93), pelo que «a única função (dessa elite de socialistas) consiste em ocupar-se do proletariado para lhe explicar a grandeza do papel revolucionário que lhe cabe» e de «aperfeiçoar as suas organizações» (Sorel, 2016: 95).

Estas ideias revisionistas de Sorel tiveram enorme influência sobre muitos marxistas, a começar por Vladimir Lenine, que usou o conceito da elite soreliana para criar a «vanguarda» (Lenine, 1973: 77) cujo «dever é liderar as massas» (Lenine, 1917) e «levar conhecimento político aos trabalhadores» (Lenine, 1973: 74). Além disso, Lenine recorreu ampla e abertamente à violência para impor a revolução bolchevique na Rússia, sendo que, segundo ele próprio disse, «nenhuma revolução foi alguma vez feita sem coerção» (Lenine, 1920).

As mesmas ideias expressas em *Reflexões sobre a violência* foram aproveitadas por outros mar-

xistas, os italianos, que iriam usar a proposta soreliana de excitar o proletariado com mitos agregadores (neste caso o mito da nação), de usar uma elite para guiar os trabalhadores (chamaram-lhe *gerarchia*, a hierarquia) e de recorrer à violência para provocar a revolução. Esses marxistas italianos eram liderados por Benito Mussolini e foram eles que fundaram o fascismo.

Bibliografia

Impressa

ENGELS, F. (1956). *The Peasant War in Germany*. Foreign Languages Publishing House. Moscovo;

ENGELS, F. (1959). *Anti-Dühring – Herr Eugen Dühring's Revolution in Science*. Foreign Languages Publishing House. Moscovo;

ENGELS, F. (2009). *The Condition of the Working Class in England*. Oxford University Press, Oxford;

ENGELS, F. (2013). *The Principles of Communism*. Prism Key Press. Scottsdale;

ENGELS, F. (2015). *Socialism: Utopian and Scientific*. CreateSpace Independent Publishing Platform. Charleston;

ENGELS, F. e MARX, K. (1956). *The Holy Family, or Critique of Critical Critique*. Foreign Languages Publishing House. Moscovo;

ENGELS, F. e MARX, K. (2004). *The German Ideology*. Lawrence & Wishart. Londres;

ENGELS, F. e MARX, K. (2015). *The Communist Manifesto*. Penguin Books. Londres;

LENINE, V. (1973). *What Is to Be Done? – Burning Questions of Our Movement*. Foreign Languages Press. Pequim;

MARX, K. (1972). *Class Struggles in France, 1848-1850*. International Publishers. Nova Iorque;

MARX, K. (1996). *The Poverty of Philosophy*. Foreign Languages Press. Pequim;

MARX, K. (2011). *Economic and Philosophic Manuscripts of 1844*. Wilder Publications. Blacksburg;

MARX, K. (2016). *The Eighteenth Brumaire of Louis Bonaparte*. CreateSpace Independent Publishing Platform. Charleston;

PAYNE, R. (1968). *Marx*. W. H. Allen & Company, Londres;

SOREL, G. (2016). *Réflexions sur la violence*. FV Éditions. Paris.

Digital

ENGELS, F. (1847). Draft of a Communist Confession of Faith (9 de junho de 1847). *Marxist Internet Archive*. Em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1847/06/09.htm>;

LENINE, V. (1917). The Agrarian Question November 14 (27). *Pravda* (28 de novembro de 1917). *Marxist Internet Archive*. Em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1917/nov/12.htm>;

LENINE, V. (1920). On Economic Development. *Nono Congresso do Partido Comunista Russo* (31 de março de 1920). *Marxist Internet Archive*. Em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1920/mar/29.htm>.